

Nach ponedielnik, nº 49, 1923, p. 3

No intervalo entre as turnês

L. S. Vygótski

I. Sobre o sentido perdido

No frenesi das turnês não há tempo para olhar para trás e refletir: os cartazes, um mais extraordinário e badalado que o outro, atingem os olhos e os nervos quase até a insensibilidade. Entretanto, é preciso olhar para trás. De resenha em resenha não conseguirmos sequer nos questionar com suficiente clareza: o que está sendo feito, no final das contas, qual o valor disto tudo, será tudo isto necessário?

Antes de mais nada, nosso teatro vive sem qualquer plano e, se ele conhece alguma intenção, é apenas a doméstica, que ele aprendeu à perfeição. De resto, o instante é seu senhor. Mas nossa nau teatral percorre um caminho completamente desconhecido, sutil, não aprendido. Mais do que tudo, seu destino é determinado por condições totalmente secundárias, acessórias e casuais. Quem estiver passando por perto, faz uma visita: é assim que se determina a continuidade e escolha das turnês. Como uma boa e honrada noiva, nós esperamos que alguém faça o pedido, mas nunca seremos nós a fazê-lo. Como é discreta. Essa timidez feminina, certamente, representa a honra, mas será que representa o bem? Ó, nem sempre. Nem sempre.

Bem, e se pudéssemos olhar e pensar por nós mesmos, e determinar nosso destino, nem que seja um pouco? Na verdade isso não seria mau. Eu certamente não penso que seja possível tirar um plano da cabeça e colocá-lo em prática. Hoje Meyerhold, amanhã Gordon Craig, depois de amanhã, Dube. Eu sei bem o que significam essas três palavrinhas: possibilidades reais de Gomel. Mas é verdade que elas não significam absolutamente que é preciso somente esperar o carteiro e o entregador de telegramas.

A temporada de verão, a temporada das turnês, é algo muito importante na província para que se permita que ela tenha uma corrente própria e que as portas estejam abertas para convidados e não convidados: quem sabe alguém cai na rede. Quantas vezes os pescadores não espertos do Ministério da Educação puxaram a rede com erva marinha, já chega de esperar pelo peixe dourado².

As turnês não são absolutamente um processo espontâneo, que não sofre interferência racional. Dube não virá, Sara Bernhardt não ressuscitará, e nem é deles que estamos falando. Trata-se de escolhermos nós mesmos quem é necessário e quem não é, convidar, convidar insistentemente o teatro necessário, coordenar a ordem e sequência das turnês, construir de forma racional, lógica e consciente o planejamento dos espetáculos, concertos e saraus e colocá-lo em prática: isso é possível e necessário. Novamente não estamos falando de um programa escolar qualquer, mas da introdução de ao menos uma parcela de sensatez e planejamento no campo teatral. E quem vai discutir com o fato de que nem no saldo final existe entre nós um ou outro.

É por isso que eu digo que tudo é feito sem sentido, e é preciso que haja sentido, ainda que seja um pouco.

II. Sobre a temporada de inverno

Até o inverno ainda falta muito, mas a temporada de inverno no teatro sério já foi definida. E quanto a nós?

Também aqui, naturalmente, nossos braços não estão desamarrados, mas estão amarrados por muitas e muitas coisas. “Eis onde o plano é formulado”, diz o diretor e aponta

² Referência ao conto popular Peixe dourado.

para a janelinha da bilheteria. De qualquer forma, nas condições da NEP³, nem tudo lhe é dado, é preciso pegar algo dele. A bilheteria amarra, mas ela dá também certa liberdade de manobra que, nas condições de trabalho anteriores à NEP, não podia existir na província. Gomel é um dos melhores campos teatrais da Rússia em termos de possibilidades materiais e financeiras. Mas, nesse caso, é preciso colocá-lo também em relação ao teatro como um dos melhores.

Um bom faturamento, no fim das contas, não é um objetivo em si mesmo. É apenas um meio que é preciso saber utilizar de forma vantajosa e racional.

Mas entre nós ele se transforma em um objetivo em si mesmo. Nós não dominamos o faturamento, ele nos domina. Vocês se lembram da conhecida fábula sobre o tolo que capturou um urso. Gritam para ele: – Traga-o aqui. – Mas ele não vai. – Então venha você mesmo. – Ele não deixa.

Assim acontece conosco. Recolhemos o faturamento, mas nem conseguimos levá-lo onde é necessário, nem podemos fugir dele. Então julguem vocês mesmos quem capturou quem: o tolo capturou o urso ou o urso capturou o tolo.

Parece-me que iniciar na temporada de inverno um projeto medíocre e provinciano, como na boa e velha “nobre reunião”, sem um vislumbre de plano ou concepção no repertório e nas montagens é vergonhoso, inaceitável e totalmente desnecessário, não é determinado nem justificado por nada. O teatro, especialmente o provinciano, é terrivelmente reacionário, arcaico e conservador. Mas ele também já foi penetrado por uma pequena corrente de ar. Já existem sombras pálidas de um teatro não inteiramente, não irremediavelmente antigo.

³ Sigla russa para Nova Política Econômica, trata-se de um conjunto de concessões do governo soviético para o comércio. O estado permanecia com uma parte da produção rural (imposto pago em espécie) e o restante poderia ser comercializado (BUSHKOVITCH, 2014, p. 332-3).

Quem é necessário para nós na temporada de inverno? Naturalmente, precisamos, antes de tudo, de atores, mestres do teatro, de técnica de atuação. Essas pessoas não se fazem em dois dias, então, na maioria, serão atores antigos.

Não precisamos nem de amadorismo caquético, nem de falatório vazio sem ação.

Mas isso não é suficiente. Esses atores, essas técnicas de atuação deveriam ser combinadas com tais intenções, o trabalho deles deveria orientar-se de tal modo que não houvesse trupe para a receita, mas receita para a trupe. Em outras palavras, devem existir ao menos vislumbres de um teatro racional no repertório e na montagem dos espetáculos. A temporada de inverno não pode estar ao sabor das ondas e do vento. Mas, se isso foi perdoável para a primeira temporada permanente, que veio acompanhada de muitos receios não elucidados, agora esse seria um erro imperdoável.

Não se pode repetir a temporada passada, mudando um pouco os sobrenomes dos atores, mas mantendo a orientação e o sistema anterior. É verdade que tampouco é possível fazer tudo de uma forma nova; é verdade que assim é mais tranquilo, outras coisas também são verdade. Mas, mesmo que seja pior, que seja diferente.

E para isso é preciso, antes de tudo, esclarecer firmemente para nós mesmos o que queremos, e então alcançá-lo, e não esperar que o ator que por acaso ficou sem o que fazer peça nossa mão e coração.

Nós queremos tirar, ao menos um pouco, o teatro do ponto morto, tirá-lo do pântano da rotina e é possível fazer isso facilmente. Os outros já o fazem.